

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

João Fonseca em ação

João Fonseca retorna, hoje, às quadras do Masters 1000 de Montreal, no Canadá. Às 19h, o carioca de 19 anos encara o americano Ben Shelton pelas oitavas de final. No encontro anterior, melhor para o Shelton, que venceu por 2 sets a 1 no ATP 500 de Munique, no último mês de abril. Ele foi o campeão da competição na Alemanha, resultado que o ajudou a chegar ao 10º lugar no ranking mundial da ATP. ESPN e Disney+ (streaming) transmitem o duelo.

GINÁSTICA ARTÍSTICA Arthur Zanetti e Chico Barreto contam como viveram a paternidade em meio ao alto rendimento e às renúncias feitas durante as carreiras. Hoje, longe das competições, os filhos Liam e Francisco ocupam o lugar mais nobre

Os ouros da vida

VICTOR PARRINI

Elas passaram mais de duas décadas com a vida ditada pelo relógio. Horário de treino, competição, viagem, concentração. No meio da rotina de atletas olímpicos, Arthur Zanetti e Chico Barreto aprenderam a exercer função ainda mais nobre: a paternidade. Estrearam como papais no auge da carreira. Hoje, admitem ter pagado preço que nenhuma medalha consegue devolver: o tempo com os filhos. Neste Dia dos Pais, os ex-ginastas contam ao **Correio** como a aposentadoria mudou — ou nem tanto — a relação com os herdeiros.

Liam nasceu em setembro de 2020, quando Arthur Zanetti ainda conciliava a rotina de atleta de alto rendimento com a paternidade. Entre viagens, treinos e competições, o campeão olímpico das argolas admite que não conseguiu acompanhar de perto parte da infância do filho. A ausência, porém, nunca foi motivo de arrependimento, mas um preço inevitável da carreira. Hoje, faz questão de aproveitar o tempo ao lado do menino.

“Acabei perdendo algumas coisas da vida dele por causa da ginástica. Mas não me arrependo, faz parte. Ele vai saber, futuramente, por que eu não estava em alguns momentos. Sempre que dá, faço o máximo possível para estar presente na vida dele.”

Para o campeão olímpico das argolas em Londres-2012 e prata na Rio-2016, as maiores conquistas da paternidade não exigem medalhas nem pódios. “A vida está nos pequenos detalhes, como trocar uma roupa, dar um banho, fazer qualquer coisa simples. Isso é o bom da vida. E ver a evolução dele, perceber que a cada mês, a cada semestre, ele vai mudando bastante.”

Aos 36 anos, Zanetti vive uma nova relação com a ginástica. Aposentado das competições desde janeiro de 2025, continua dentro dos ginásios, agora como árbitro, embaixador e parceiro da Confederação Brasileira de Ginástica. Em Brasília, participa do Campeonato Brasileiro como juiz. Fora das competições, mantém um projeto social em São Caetano do Sul (SP). A modalidade mudou de lugar na rotina, mas não saiu dela.

A relação com o filho também passa pelo esporte. Liam já experimentou judô, natação, futebol e ginástica, mas Arthur não pretende escolher por ele. O campeão olímpico quer apenas apresentar possibilidades. O legado que pretende deixar, porém, está menos ligado às argolas do que ao

Arquivo pessoal



Depois de 28 anos como atleta, Francisco Barreto transmite ensinamentos ao filho

comportamento. “Prefiro que ele me admire como pessoa. Se você não é uma boa pessoa, você não tem resultado. Eu só tive os meus resultados por causa do trabalho, mas também por causa da minha família.”

Se Arthur encontrou na aposentadoria espaço para valorizar os pequenos momentos, Chico Barreto descobriu uma ironia. O fim da carreira não significou

necessariamente mais tempo com o filho, Francisco. Pelo contrário. Empresário e treinador, ele abriu um centro de treinamento em Goiânia e, hoje, trabalha mais horas na ginástica do que quando competia. O filho mora em Campinas (SP) com a mãe, e os encontros dos dois continuam tendo o ginásio como cenário.

“Vou te falar que a aposentadoria só dificultou mais ainda. Como

atleta, eu tinha mais tempo com o Francisco do que hoje. Como aposentado, empresário e treinador, passo mais tempo trabalhando do que com ele”, compartilha Chico.

Francisco nasceu em 2017, quando Chico vivia o auge da carreira. Naquele momento, conciliar fraldas e alto rendimento significava sair cedo de casa, enfrentar longos deslocamentos até o clube Pinheiros e tentar voltar

Arquivo pessoal



Arthur Zanetti incentiva o pequeno Liam a experimentar diferentes modalidades

o mais rápido possível. A família ajudava como podia. Hoje, o ex-ginasta reconhece que gostaria de ter acompanhado mais de perto aquela fase. “O tempo passa muito rápido, ficamos muito tempo fora de casa, sem acompanhar tudo de pertinho, cada detalhe. Acho que isso eu gostaria de ter vivido com mais calma, por ter tido mais tempo para isso”, reflete. A paternidade mudou Chico.

Ele diz que passou a enxergar as crianças de outra maneira e encontrou nelas, também, um novo sentido profissional. “Depois que o Francisco nasceu, passei a enxergá-las de uma forma diferente. Antes, eu não tinha muita paciência com criança pequena. Hoje, minha paixão é trabalhar com elas. Mudou a minha forma de pensar, meu jeito de agir e o amor por envolvê-las no esporte”, confidencia.

Caio Souza hegemônico nas argolas

RAFAEL LINS*

Caio Souza fechou o quadrado perfeito no Distrito Federal. Ontem, o ginasta de 32 anos do Minas Tênis Clube comemorou o quarto título consecutivo nas argolas do Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística.

A medalha dourada conquistada no Ginásio Nilson Nelson foi a 22ª da referência da atual geração em competições nacionais.

Caio obteve nota 13.600 na decisão e subiu ao lugar mais alto do pódio por quatro décimos de vantagem. Juliano Oliva (13.200) ficou com a prata, enquanto Gustavo Pereira (12.733) fechou o pódio do aparelho.

“Foi muito legal sentir a energia do público e ver como a ginástica vem crescendo no Brasil. A estrutura do ginásio também ficou

perfeita para competir. Agora, é descansar um pouco para seguir de cabeça erguida nesse ciclo pré-olímpico”, analisou Caio.

A medalha de ouro do solo ficou com o paulista Yuri Guimarães, ao receber 13.700 de nota média pelos juízes. A prata foi de João Perdigão, do Pinheiros, e o bronze de Tomás Florêncio.

O solo também teve a participação do medalhista olímpico de bronze na Rio-2016, Arthur Nory. No entanto, o ginasta errou na hora da aterrissagem no salto, acabou caindo e ficando fora do pódio.

O ouro do cavalo com alças foi entregue a Johnny Oshiro, com 13.600 pontos. Atrás dele, Vitalyi Guimarães e Diogo Rodrigues tiveram a mesma nota (13.300) e dividiram a medalha de prata.

O Flamengo dominou as disputas femininas e celebrou as duas campeãs da tarde de sábado. Medalhista de bronze por equipes nos Jogos Olímpicos de Paris-2024, Lorrane Oliveira foi a melhor nas barras assimétricas. Saída de duplo mortal para frente com meia pirueta gerou 13.700 na avaliação para o ouro.

Companheira de Lorrane no Flamengo, Flávia Saraiva ganhou a prata, e Sophia Weisberg abocanhou o bronze. Outra flamenguista, Nicole Bello celebrou o título do salto feminino. Francine Oliveira e Clara Stecca fecharam o pódio.

Recorde

A ginástica está em alta no Brasil e no Distrito Federal, como mostra a edição de 2026 do Campeonato Brasileiro da modalidade artística.

Foi registrado o recorde de venda de ingressos para uma competição nacional, com 10.800 entradas comercializadas para o evento, que começou na sexta-feira e segue hoje, com finais por aparelhos, a partir das 10h.

“Quando dizemos que a ginástica é o esporte que mais cresce e vence no Brasil, não é por força de expressão. Os números comprovam isso. Tivemos mais uma prova hoje. Atingimos o recorde de público de 10.800 pessoas assistindo a um campeonato nacional. Não é um evento internacional, é um Campeonato Brasileiro”, destacou o diretor-geral da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Ricardo Resende.

*Estagiário sob a supervisão de Victor Parrini

Mariana Campos/CB/D.A. Press



Desempenho em Brasília aumenta otimismo de Caio Souza para o Mundial